

Dívida: apelo em favor do Brasil (por parte de um credor).

O presidente do comitê de assessoramento dos credores do Brasil, William Rhodes, iniciando uma campanha para que as instituições financeiras norte-americanas participem do plano de refinanciamento dos juros devidos pelo País, fez ontem um apelo em favor da adesão ao pacote e enviou informações detalhadas àqueles bancos, nas quais salienta uma vantagem para os que se apressarem em dar o sim à fórmula negociada em Nova York: quem se comprometer até o dia 26 de novembro receberá comissões ligeiramente mais altas do que os que só decidirem após essa data.

Os próprios bancos credores deverão emprestar US\$ 3 bilhões dos US\$ 4,5 bilhões que o Brasil pagará de juros, devidos desde a moratória de 20 de fevereiro até 31 de dezembro próximo. O Brasil precisa ainda renegociar compromissos de US\$ 14 bilhões junto a governos do Clube de Paris, que exigem de forma mais enfática um acordo do País com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Missão adiada

A missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) adiou por mais uma semana sua vinda ao Brasil. O pedido para esse adiamento partiu do chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Sílvio Rodrigues. Segundo ele, os técnicos do BC teriam um acúmulo de trabalho, caso a missão do Fundo viesse mesmo na próxima semana, quando chega ao País a missão dos bancos credores.

O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, recebeu ontem o apoio do colégio de líderes do PFL na Câmara dos Deputados, pela maneira segura "com que está conduzindo o processo de renegociação da dívida externa". O objetivo foi utilizado pelo líder do partido na Câmara José Lourenço (BA), após ter sido recebido, junto com seus vice-líderes, por Bresser Pereira.

José Lourenço comentou que o ministro está renegociando a dívida com "competência" e atendendo aos interesses nacionais. Ele elogiou o recente acordo provisório fechado com os bancos credores e criticou quem está contra a reaproximação do Brasil com o Fundo Monetário Internacional. "Isso é coisa da esquerda burra e incompetente que existe no Brasil e que não conhece a fundo as relações internacionais", disse o líder do partido na Câmara.

O líder do PFL também deu uma definição original da polêmica volta do Brasil ao FMI. "Isso não preocupará a minha bancada. Nós não vamos ao FMI. Nós não saímos nem entramos. Já estamos lá dentro, porque somos sócios fundadores do FMI."

O deputado também comentou que o fechamento de acordos com o FMI é normal. Observou que quase todos os países do mundo já recorreram a essa instituição e que o próximo serão os Estados Unidos.